

O CORDÃO ENCARNADO DE “ANTIGAMENTE” E DE “HOJE EM DIA” NA VISÃO DOS MORADORES¹

Rafael Rodrigues Pontual²

Marcos Ayala (orientador)³

Apresentação

Este ensaio é resultado de alguns questionamentos, surgidos durante uma pesquisa, que começou em agosto de 2005, e ainda está em andamento, tendo por título: *Memória e cultura popular no Cordão Encarnado – Tradição e mudanças*, e que dá continuidade a um outro projeto de pesquisa, junto ao LEO – *Laboratório de Estudos da Oralidade*, chamado: *Memória cultural de um bairro: a Torrelândia*, sob orientação de Marcos Ayala, professor do Departamento de Ciências Sociais da UFPB. Durante aquela pesquisa, segundo Ayala, verificou-se a necessidade de ampliar a delimitação, pois as transformações urbanas ocorridas nas últimas décadas em João Pessoa, levaram a uma intensa migração dos moradores de bairros residenciais tradicionais, em consequência da valorização dessas áreas, em função de sua ocupação por grupos sociais mais abastados, ou da transformação em áreas comerciais.

Esta pesquisa está sendo realizada no bairro Cordão Encarnado, bairro tradicional de João Pessoa, e que está em constante processo de mudança na sua configuração urbana. Desta forma foi interesse, verificar quais as consequências destas mudanças, nas manifestações culturais populares, e nas significações do bairro por parte dos moradores, na relação com os espaços urbanos.

Tendo como principal fonte de informação a memória dos moradores, buscou-se verificar qual a “visão de mundo” dos mesmos, de como era “antigamente” o bairro, e então observar como os fatores externos das transformações urbanas, modificou sua ordem cultural, mudanças que como salienta Marshall Sahlins, é orquestrada pelos próprios “nativos”, ou melhor, moradores do bairro.

Então, neste ensaio, trago alguns questionamentos teóricos e metodológicos, acerca da utilização do método da História Oral no processo de reconstrução do passado, feito a partir da “visão de mundo” dos moradores do bairro, para em seguida, fazer um relato da minha

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “A Cidade em Diferentes Olhares”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: <rafaelpontual2@hotmail.com>; <rafaelpontual_cs@yahoo.com.br>.

³ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.

experiência de pesquisa de campo no bairro, como também, de algumas conclusões a que se chegou, durante esse tempo de pesquisa.

Da metodologia

Tendo como enfoque as culturas dos grupos que estão em condição de subalternidade, em relação a outros grupos pertencentes a nossa sociedade, na utilização dos espaços urbanos, esta pesquisa se propôs a utilizar como método de pesquisa, a história oral, pois, ao utilizarmos este método, estamos dando voz a estes grupos que muitas vezes são esquecidos pela história oficial, que privilegia os grupos dominantes, apesar de ter sido também importante a pesquisa a partir de fontes documentais oficiais, pois fornecem informações complementares e outros pontos de vista.

O que se buscou durante a pesquisa de campo, foi uma visão da história contada a partir das experiências das pessoas, o que, como salienta Paul Thompson, gera uma mudança de enfoque nesse processo de reconstrução do passado, feito a partir da memória dos moradores do bairro no qual se pesquisou, assim, esse processo deixa de ser um projeto individual de um pesquisador, de valor intrínseco, e passa a ser um projeto coletivo onde há uma cooperação intelectual por parte do pesquisado.

“A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – sejam em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.” (Thompson, 1992:22)

Portanto, os relatos orais tornaram-se importantes para a pesquisa, para que se tivesse a visão dos “excluídos”, e assim, registrar os mundos culturais dos mesmos, tendo como fonte de informação suas memórias. Todavia, muitas vezes, devido a sua condição subalterna, que de acordo com Martins vai além de uma categoria de trabalhador no sentido economicista marxista, ou seja, esta condição “*não expressa apenas a exploração, mas também a dominação e a exclusão econômica e política*” (Martins, 1989: 99), faz com que sua cultura tem pouca visibilidade na sociedade em geral, por ser considerada como inferior em relação a outros tipos de cultura, como a erudita.

A utilização da história oral, vale salientar, não quer dizer que a pesquisa esteja livre de qualquer interferência do pesquisador nos resultados finais, pois, como salienta Bourdieu, determinadas situações de pesquisa como uma entrevista, a relação entre o pesquisador e o pesquisado é uma relação social como outra qualquer, e que por isso, está sujeita a

alguns percalços como a intromissão, a violência simbólica, geradas de uma dessimetria social entre o mundo do pesquisado e o do pesquisador, que tem na nossa sociedade uma posição de destaque, principalmente entre as camadas mais pobres da população e que por isso, durante uma entrevista, o silêncio, a omissão de determinadas informações, é um problema que pode vir a surgir durante a fala do entrevistado.

Foram feitas então, algumas entrevistas mais sistematizadas com alguns moradores, e também, conversas mais informal, na qual, se buscou deixar os pesquisados mais a vontade durante as falas, e para isso, o exercício da “escuta atenciosa”, procurando não interromper quando estivessem falando, não procurá-los em momentos inoportunos, foi importante para criar uma relação de confiança recíproca.

As dificuldades iniciais

Durante a pesquisa de campo foi utilizado o método da observação participante. Pois a utilização deste método é uma forma de está em contato direto com os moradores do bairro, tornando possível verificar o “seu ponto de vista”. Além disso, pesquisamos em fontes documentais, sobre o bairro.

A entrada em campo foi algo dificultoso inicialmente. Além da falta de experiência em pesquisa minha e da minha parceira de pesquisa, Bárbara Duarte, a falta de um informante chave foi um problema para que tivéssemos contato com os moradores.

Procuramos criar uma relação com eles abordando-os na rua ou em suas casas, e desta forma, o nosso processo de entrada em campo foi acontecendo casualmente. Já no primeiro dia da pesquisa de campo, estava chovendo e fomos nos abrigar debaixo de um fiteiro⁴ no começo do bairro, onde encontramos uma senhora com uma planta na mão, que mora lá há 40 anos, sendo que nesse intervalo de tempo, ela saiu do bairro várias vezes para morar em outros locais, e conversamos com ela por cerca de quarenta minutos, mesmo a chuva tendo parado muito antes.

E assim fomos abordando várias pessoas, buscando nossa aceitação no bairro, criando uma rede social com os moradores. Apesar de terem surgido problemas, como de alguns moradores não se disponibilizarem para conversar quando os abordávamos em suas casas e nos apresentávamos, alguns nos convidaram para entrar e sentar, já outros falavam com a gente por trás das grades ou portões, de forma a diminuir o tempo da conversa.

A pesquisa teve um avanço significativo, quando fomos ao Centro Social do bairro por indicação de uma moradora, e lá encontramos pessoas do grupo de idosos que se lembra de ter assistido brincadeiras populares no bairro, como a lapinha, a barca, quadrilha, etc.

⁴ Quiosque feito de metal, onde se vendem comidas e bebidas.

Entretanto, a maioria enfatizou que já “no seu tempo”, não existiam mais estes tipos de brincadeiras, como no tempo dos seus pais. Para elas, isto se deve ao aumento da violência no bairro, e pelos jovens de hoje em dia não se interessarem por essas coisas.

Um problema que encontrei durante a pesquisa no Centro Social, relacionou-se à questão da diferença de gênero, pois o grupo é formado só por mulheres e eu, como única presença masculina no local, posso ter causado algum constrangimento durante a fala das pessoas. Esse “conflito” ficou evidente quando um dia, ao final das atividades, uma das coordenadoras do grupo chamou Bárbara para olhar os trabalhos manuais de crochê feito pelo pessoal do grupo, dizendo que eu não estaria interessado por ser homem.

Transformações urbanas no bairro

O bairro do Cordão Encarnado segundo alguns moradores, já foi um bairro pobre e sem infra-estrutura, ele surgiu no Sítio Riacho Forte de propriedade de Sigismundo Guedes Pereira. Não tinha água encanada nem energia elétrica, as pessoas tinham que buscar água nos chafarizes ou cacimbas que ficavam nas ruas São Miguel e na Odilon Mesquita. A iluminação era feita através de candeeiros e quando chovia muito aconteciam enchentes nas casas.

“... olha quem sabe contar muito destas coisas é Paulinha⁵, porque Paulinha, o pai dela tinha lá embaixo..., o que a gente chamava de o buraco de João, que João era o pai dela, [risos], e que ele, era lá em baixo mesmo, e que agente ia tomar banho, ele tinha um banheiro, agente ia tomar banho lá..., nessa época não tinha água encanada, era chafariz, e agente tirava água, e ia tomar banho lá no buraco de João, pagava, era um banho por um tostão, dois tostão, sei lá quanto, [risos]” (D. Francisca Dantas, 93 anos, moradora da rua Martin Leitão)

“Então eu me criei, passei o resto dos anos assim, até, estudando né?, trabalhando, porque meu pai tinha, padastro, ele tinha uma cacimba, e ele, como já falei a vocês, que agente vendia água pra população, lata d’água, banho, porque era precário a situação aqui da água.” (D. Paulinha, 75 anos, morou 42 anos na rua Rodrigues Chaves)

A população era basicamente formada por pessoas de baixa renda, e seu lazer era fazer pic-nics na grande área descampada que existia no bairro. Com a construção da Avenida Eptácio Pessoa em 1933 e seu calçamento em 1954, pegavam-se bondes ou marinetes para ir até a praia. Aconteciam também retretas num coreto localizado no Pavilhão do Chá, área hoje onde é ponto de prostituição.

Segundo os pesquisadores João Roberto Lavieri e Maria Beatriz Ferreira Lavieri, a partir do início dos anos 60, João Pessoa passou por um processo de reestruturação urbana com a construção dos conjuntos habitacionais, o que mudou totalmente a estratificação social do uso dos espaços na cidade. Antes os bairros dos Estados, Expedicionários, Miramar,

⁵ Os nomes utilizados são fictícios.

Tambiá, Centro e Jaguaribe, eram ocupados pela população mais rica, enquanto que as áreas deterioradas do centro (Cordão Encarnado, Varadouro, Roger e Torre) eram ocupadas pela população pobre.

“As transformações ocorridas na cidade e o peso significativo que os conjuntos foram assumindo dentro da malha urbana (11% do total de domicílios residenciais) – localizados em áreas muito distantes da região central e com um porte cada vez maior – concorreram para o aumento dos investimentos públicos em infra-estruturas, especialmente quanto a linhas-tronco de abastecimento. Assim, do início ao final da década de 70 a rede de energia elétrica ampliou sua capacidade de atendimento de 78,65% para 89,36% dos domicílios, a rede de água de 56,32% para 86,52 e a rede de esgoto de 13,53% para 34,45%. Com a busca elevação do nível de valorização do solo das áreas atingidas por benefícios urbanos, acelerou-se o processo de expulsão dos moradores dessas áreas.” (Lavieri, J. R., Lavieri, M. B. F., 1999:48).

Esse processo de expulsão dos moradores dos bairros tradicionais de João Pessoa, como o Cordão Encarnado, para os conjuntos habitacionais, pode ter sido a causa de não se encontrar mais brincadeiras populares como a lapinha, pois os moradores que a faziam podem ter saído do bairro.

Hoje o que se vê na arquitetura do bairro, é uma mistura de casas construídas ou reformadas há pouco tempo, com casas mais antigas, num estilo de vila, onde umas estão coladas nas outras, como também, existem casas feitas de taipa. O comércio está presente fortemente. Há também um hotel, uma pousada, vários bares e um teatro pertencente ao SESI.

O apego ao lugar chamado “Cordão Encarnado” e suas ruas

O que se verifica também hoje no Cordão Encarnado é que alguns moradores, principalmente os mais novos, já não se consideram como moradores do bairro do “Cordão Encarnado”, e sim moradores do Centro, já que ele fica próximo e também já foi um bairro pobre e sem infra-estrutura como já foi dito, daí sua desvalorização, entretanto, entre os moradores mais antigos a identidade coletiva com o bairro ainda está presente, apesar de muitos já não morarem lá. Apesar de que, alguns ainda continuarem freqüentando o bairro, que como enfatizou D. Paulinha, mostra esse aspecto do apego ao bairro.

“Padre Trigueiro costumava dizer assim, que as pessoas que foram embora daqui, pra Valentina, quando começou esses bairros né, pessoal começaram a comprar casa pra todos esses conjuntos, se mudaram daqui. Mas volta tudinho pra missa, que é difícil não ver uma pessoa, mesmo morando longe, vem pra missa aí, porque o bairro atrai né?” (D. Paulinha, 75 anos, morou 42 anos na Rua Rodrigues Chaves)

Existe a questão do apego não só ao lugar de nome Cordão Encarnado, que vem de uma das mais tradicionais Lapinhas do sítio Riacho Forte, de Manoel Gamela, que ficava na Rua

Cordão Encarnado, hoje Martin Leitão, onde, segundo os moradores vencia sempre o cordão encarnado, como também as ruas eram localidades onde existia e ainda existe na lembrança dos moradores, esse sentimento de apego, tendo o nome representando esse sentimento. Verifica-se também uma forte presença de elementos da cultura popular.

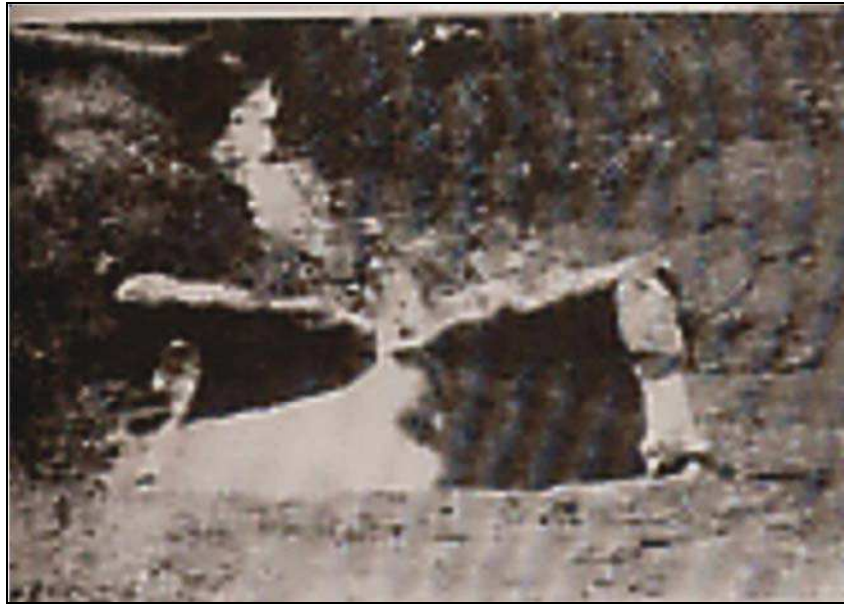
Outras ruas:

- *Dom Carlos de Gouveia Coelho*: era chamada de Rua da Beleza, segundo os moradores, por causa da beleza dos seus jardins.
- *Branca Dias*: era chamada Rua Cordão Azul, pois existia uma Lapinha onde sempre vencia o Cordão Azul.
- *Rodrigues Chaves*: era chamada Rua do Passeio Geral, porque passavam muitos caminhões e carroças vindas do matadouro público.
- *Marco Barbosa*: era chamada Rua do Amendoim, por existir um vendedor de amendoins lá.
- *Frei Miguelinho*: era chamada Rua do Bombardeio, por causa do tiroteio que houve lá durante a revolução de 30.
- *Odilon Mesquita*: era chamado O Beco dos Coqueiros.

Essa mesma questão da identificação dos indivíduos com os espaços urbanos, foi verificada por Michel Agier no bairro da Liberdade em Salvador, segundo ele,

“Há uma alternância na identificação dos habitantes: para o exterior eles se designam como habitantes da Liberdade, conhecido na cidade como um bairro negro e proletário, populoso e animado, cativante, mas também temeroso e, para alguns, fechado. No interior dessa primeira identificação contrastiva, outras fronteiras imaginárias, internas, são dadas pelos nomes e pelos limites de certos locais e ruas do bairro. O nome de cada setor (abrangendo, segundo o caso, 2.000 a 5.000 habitantes aproximadamente) adquire um sentido na história específica do lugar nomeado.” (Agier, 1998:47).

No bairro do Cordão Encarnado, apesar de todas essas mudanças ocorridas, ainda é possível verificar em sua cultura, elementos tradicionais que o torna com uma identidade própria. O elemento de sociabilidade dos vizinhos, de colocarem cadeiras na frente das casas para conversarem, a presença de trabalhadores vendendo em carrinhos pelas ruas do bairro, algodão doce, pão, como também, oferecendo serviços de consertar furos em panelas de alumínio, mostra que o moderno e o tradicional estão presentes no bairro.



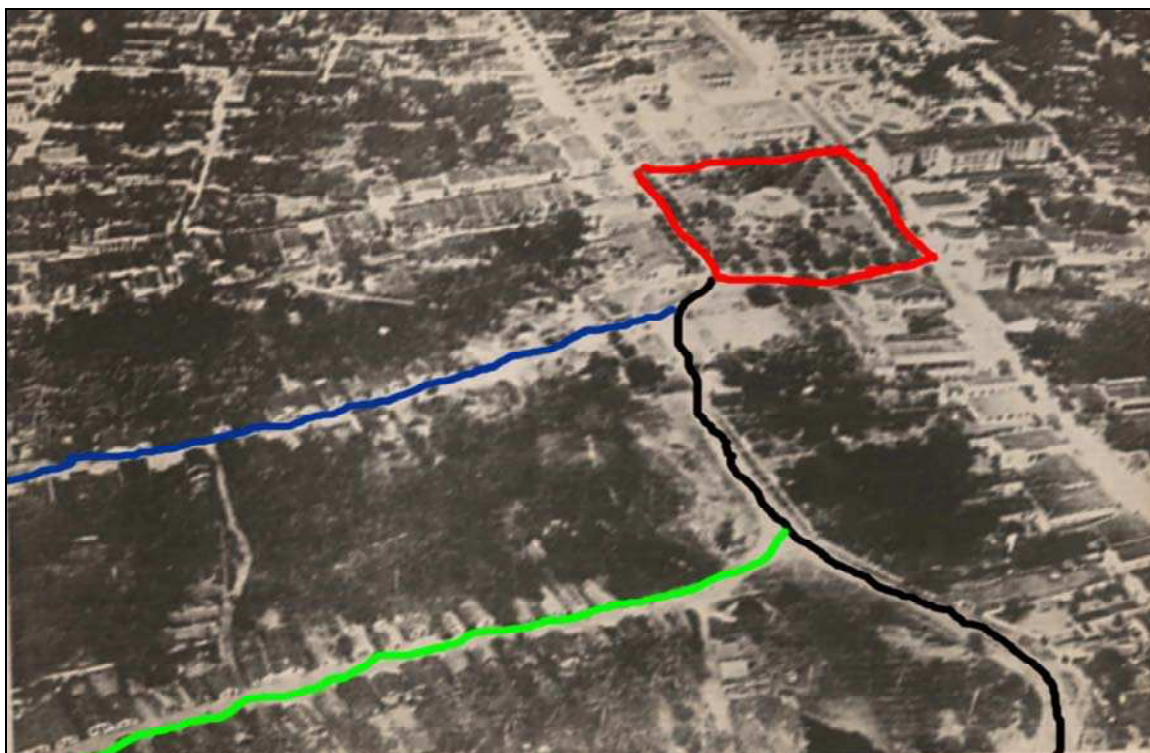
F.01 – Cacimba do povo, local onde a população ia pegar água para suas necessidades, também antigo espaço de sociabilidade do bairro.
Foto: Walfredo Rodriguez (1912)



F.02 – Casa feita de taipa ainda presente o bairro, mesmo com a urbanização.
Foto: Rafael Pontual (Maio/2006)



F.03 – Casa construída há pouco tempo, presença da classe média no bairro.
Foto: Bárbara Duarte (Novembro/2005)



F.04 – Vista aérea do bairro do Cordão Encarnado, onde pode se vê a Rua Rodrigues Chaves de preto, Índio Piragibe de azul, Branca Dias de verde e o pavilhão do chá de vermelho.
Foto: Walfredo Rodriguez (1931)



F.05 – Rua General Ozório, onde se pode ver o coreto localizado no pavilhão do chá.
Foto: Walfredo Rodriguez (1920)

Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. "Lugares e Redes". In: NIEMEYER, Ana Maria e GODOI, Emília Pietrafesa de (org.). *Além dos Territórios*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- AGUIAR, Wellington Hermes Vasconcelos de. *Cidade de João Pessoa: A memória do tempo*. João Pessoa: Gráfica e Editora Persona. 1992.
- BOSI, Alfredo. "Mestre Xidieh". In: XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas Populares*. Belo Horizonte: Itatiaia; EDUSP, 1993.
- BOSI, Ecléa. "Introdução". In: *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. "Compreender". In: *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. Observações sobre o folclore. In: *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARTINS, José de Souza. "A nova cultura dos pobres no campo". In: *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- LAVIERI, João Roberto, LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira, et al. *A Questão Urbana na Paraíba*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999.
- MATTA, Roberto da. "O ofício do etnólogo ou como ter 'anthropological blues'". In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". In: *Estudos históricos*. São Paulo: Vértice, N° 3-15, 1988.
- RODRIGUEZ, Walfredo. *Roteiro sentimental de uma cidade*. 2 ed. João Pessoa: CEC/ A União, 1994. Edição fac-similar.
- SAHLINS, Marshall. "Introdução" e "Capitão Cook; ou o Deus Agonizante". In: *Ilhas de Historia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1990.
- SATRIANI, Luigi M. Lombardi. "As observações gramscianas sobre o folclore: do 'pitoresco' à 'contraposição'". In: *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- THOMPSON, Paul (1992). "História e comunidade". In: *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VELHO, Gilberto, et al. *O Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. "Cultura popular". In: XIDIEH, O. E, et al. *Feira nacional da cultura popular*. São Paulo: SESC, 1976.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa feita no bairro do Cordão Encarnado, que está situado na região central de João Pessoa, e habitado em sua maioria por uma população de baixa renda. A pesquisa no bairro, que é um dos mais tradicionais de João Pessoa, teve como método a História Oral. Ao utilizamos este método de pesquisa, estamos dando voz a grupos que estão em condição subalternidade em relação aos grupos dominantes, e por isso, muitas vezes são deixados de lado pela História oficial. Então, principalmente a partir da memória dos moradores mais antigos, como também, através de fontes documentais oficiais, buscou-se a realidade cultural do bairro de "antigamente", para em seguida, verificar quais as conseqüências das transformações urbanas ocorridas no bairro, na ordem cultural do mesmo, principalmente o que tange a Cultura Popular.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Tradição, Mudanças e História Oral.